

Entrevistador: Dr. Coimbra o senhor pode ficar a vontade, se o senhor quiser falar...

Dr. Coimbra: Tá, eu to a vontade.

Entrevistador: Da onde o senhor é o nome inteiro do senhor, da onde o senhor veio...

Dr. Coimbra: Me identificar ?

Entrevistador: Isso, se identificar, não precisa olha pra câmera nada, sabe?

Dr. Coimbra: Bom, meu nome completo é José de Castro Coimbra, sou médico da turma de 1954, logo, já tenho 62 anos de formado. Por circunstancias eu sou hoje o médico mais antigo de São José dos Campos, isso significa que todos o que aqui estavam, quando eu cheguei, infelizmente, já mudaram de galáxia.

Dr. Coimbra: Quando eu cheguei em São José a fase sanatorial estava quase terminando, né!? A fase sanatorial teve muita força na primeira metade do século, como eu cheguei já na segunda metade estava, vamos dizer, estávamos assistindo os estertores porque a tuberculose com a introdução dos antibióticos, estreptomicina, com a prevenção, com a descoberta da BCG , tudo isso diminuiu o numero de doentes novos e muitos dos antigos puderam ser curados desde que o diagnostico fosse precoce, mas, eu ainda peguei funcionando o hospital vicentino aranha, o sanatório Maria Imaculada e alguns outros.

Dr. Coimbra: É bom a gente lembrar o seguinte, antes da fase hospitalar, propriamente dita, sjc viveu a fase das penções. Porque? Por que, Campos do Jordão era a cidade que atraia principalmente o pessoal de maior poder aquisitivo, os de menor poder aquisitivo terminavam ficando aqui por sjc, e como não existiam hospitais, o primeiro hospital inaugurado foi o vicentino aranha acho que foi em 1924, então esses primeiros 20 anos do século passado, sjc, apesar de ser famosa pelo ar puro, né? Que era uma das condições pra cura ou para o tratamento da tuberculose, começou também a atrair alguns médicos, muitos médicos que vieram pra cá para tratamento terminaram ficando na cidade buscaram alguma especialização em tisiologia e muitos ficaram muito conhecidos e famosos, alguns foram até prefeitos de sjc depois, né? Mas nós tivemos ai neste período, até 1924, cerca de 25 ou 26 pensões.

Bom, vocês imaginam o que era a dificuldade do administrador, porque o pessoal vinha de fora, qualquer quarto qualquer casa, pra ele servia e isso criou uma dificuldade. O zoneamento da cidade, os administradores, queriam fazer um zoneamento, zona senatorial, zona residencial, zona comercial mas quem assiste hoje a dificuldade pra se rodar a lei do zoneamento da cidade , imagina o que era naquele tempo, não é verdade? Então nos tivemos, como é que o vicentino aranha veio pra cá? A tuberculose era epidêmica, né? E a santa casa de São Paulo terminou sendo o hospital que recebia os pacientes que vinham do interior, que não tinham onde ir e terminavam vindo pra são Paulo e a santa casa , de certa forma, assumiu o tratamento desses pacientes. Mas chegou um momento que a superlotação, a dificuldade de se fazer o isolamento, a doença exigia o isolamento, era uma doença contagiosa, e a santa casa resolveu descentralizar e terminou comprando uma chácara aqui em sjc, conseguiu lá uma verba, a câmara municipal doou lá uma verba pra santa casa com essa finalidade e ela comprou essa chácara, que era uma chácara que tinha quase 500.000 metros, então tinha bastante arvores, tinha um clima bom , aquela coisa toda...e onde foi construído o vicentino

aranha, foi um momento assim de muita euforia na cidade, porque já se tinha aquela preocupação com a ocupação desordenada por parte dos pacientes, porém ao mesmo tempo, aqueles pacientes que já estavam aqui tiveram pouca chance de se internar no vicentino aranha porque a santa casa transferiu pacientes de lá pra cá, e isso criou um mal estar na cidade, eles começaram, os jornais da época começaram a levantar a possibilidade da cidade atrair muito doente e não onde colocar, porque?, porque o vicentino era realmente um hospital, vamos dizer, de ponta. Quem é que não quer ir pra um hospital de ponta estando tuberculoso? Então a própria imprensa na época colocou em debate a vantagem ou desvantagem de ter vindo pra cá o vicentino aranha. Mas felizmente, depois que o vicentino veio e lotou rapidamente nós tivemos a vinda de outros, de outras, em seguida ao hospital vicentino aranha veio também para ser um hospital, acho que era religioso, era ligado a uma religião.

Entrevistador: Não era o Esdra não, né? Que era judeu?

Dr. Coimbra: Não, não era. Antes veio o sanatório samaritano, sanatório samaritano veio antes do esdra, né? Sanatório samaritano, era ligado a uma associação evangélica. Não sei se vocês se lembram deste sanatório...sabe a onde ele era?

Entrevistador: Na faculdade de direito?

Dr. Coimbra: É... não, ali do lado eu acho. Acho que onde hoje é um estacionamento, né? É ali ao lado da faculdade, tem um prédio ali...é.

Depois aquilo ali foi até desapropriado pela prefeitura que era pra vir uma faculdade de medicina e uma faculdade de engenharia na época. Nessa época eu até já era vereador de sjc.

Entrevistador: O senhor veio pra sjc quando?

Dr. Coimbra: 1960!

Entrevistador: E o senhor nasceu a onde?

Dr. Coimbra: Eu nasci em coxim, Mato grosso do Sul.

Entrevistador: E se formou lá?

Dr. Coimbra: não, naquele tempo lá não tinha nem escola primária.

Entrevistador: SP?

Dr. Coimbra: não, eu me formei no rio. É, eu me formei na faculdade nacional de medicina da universidade do brasil. Hoje a sucessora da faculdade nacional de medicina é a universidade federal de medicina unifesp que tá na ilha do fundão, mas, logo depois que eu me formei, acho que umas 15 turmas depois acho que mudou pro fundão.10:30

Dr. Coimbra: Bom depois do vicentino aranha e depois do samaritano veio o Esdra, esse sim era ligado a uma sociedade israelita. Foi na época, porque, nós não tinham SUS não tínhamos nenhum tipo de assistência, era indigente e pagante, não existia meio termo. Os pagantes, a maioria dos que podiam pagar iam pra Campos do Jordão, lá já tinha uma estrutura mais, vamos dizer, mais antiga já tinha uma estrutura mais apropriada e isto, e também tinha o charme de ser clima de serras e essa coisa toda, realmente, a nível de clima de clima mais frio não havia duvidas que lá era vantajoso. Depois do Esdra nós tivemos o sanatório Maria Imaculada, o sanatório Maria imaculada foi a evolução de uma pensão. Vocês se lembram bem de onde é o sanatório Maria imaculada ou não?

Entrevistador: No banhado ali, né? na curva do S!

Dr. Coimbra: Então, o sanatório Maria Imaculada foi fundado por uma pessoa, que depois além do sanatório ela fundou um instituto religioso, né? Instituto de pequenas missionárias de Maria Imaculada, irmã Dulce e depois virou madre Maria Teresa de Jesus Eucarístico, que está inclusive sendo cotada ai para ser beatificada ou santificada, não me recordo bem...

Entrevistador: e era elas que faziam o trabalho no vicentino?

Dr. Coimbra: Não, não. A Dulce que era dona de uma pensão só para moças, ela veio pra cá doente e ficou muito tocada por ver o sofrimento das jovens que chegavam doentes, tuberculosas, e ela começou a visitar a várias pensões que existiam e ficou assustada de ver a, vamos dizer assim, uma promiscuidade que tinha, né? Casa que tinha 5, 8,10 pacientes e um banheiro só, e convivia com o dono da casa que alugava aqueles quartos, então era uma coisa absolutamente contraria a todas as regras sanitárias e a partir disso, como ela tinha, tudo indica algum recurso, ela alugou ai uma casa organizada, porque, no tempo que ela começou a pensão dela ai já tinha que ter autorização da prefeitura, já não era você alugar abrir a porta e receber pacientes, você precisava de ter uma licença, vamos dizer, do sistema sanitário. E depois do sanatório Maria Imaculada, parece que o que frutificou foi o sanatório Ruy Dória, quem era o Ruy Dória? Era um médico, que veio pra cá, também, em função de doença, curou e fez curso de fisiologia e cirurgia, foi um dos mais famosos médicos daquela época aqui em sjc e criou seu próprio sanatório. O Dória eu ainda conheci quando cheguei aqui. Ele ainda estava vivo quando eu cheguei, só que o sanatório já tinha fechado, já tinha perdido. Esse sanatório era ali pertinho da praça do sapo. Sabe onde era o laboratório Quaglia ou é ainda? Ali na Floriano Peixoto ali naquela esquina? Era ali o sanatório. Com saída inclusive pra rua Villaça ou entrada pela rua Villaça. Depois disso veio o sanatório Adhemar de Barros e veio...O sanatório Adhemar de Barros, não. Foi o sanatório São José, depois lá na rua Paraibuna, né? O sanatório Adhemar de Barros ele foi ali naquela rua Afonso Cezar de Siqueira, perto da praça santos Dummont, onde tem aquele avião. É, do parque santos Dummont.

E ... Adhemar de Barros, depois nós tivemos mais... Ah, tentaram fazer um sanatório para os presos, seria um sanatório penitenciário, mas não terminaram, foi uma tentativa mas não deu muito certo...

Entrevistador: chegou a sair do projeto?

Dr. Coimbra: Acho que não, não chegou a sair do projeto, né? Ele ficava, acho que ali pro lado do jardim colonial... por ali. Depois teve uma tentativa também no sanatório do sindicato dos trabalhadores de teatro que também não foi pra frente. E por ultimo, e esse eu ainda peguei aqui, né? Teve um sanatório ali na rua Paraibuna...como era o nome? Sanatório São José, acho que era são José mesmo. Ah, teve o sanatório Antoninho da rocha marmo, esse muito importante, que foi em função de um criança, depois foi financiado, houve aquele movimento coletivo e tal, e que hoje ainda ta funcionando só que não como sanatório mas como um hospital.

Entrevistador: Lá chegou a se instalar como um sanatório? Chegou a receber pacientes?

Dr. Coimbra: Sim, chegou a receber pacientes. Depois da década de 50 ou 50 e poucos, ele terminou sendo, quando terminou a fase sanatorial, tava terminando a fase sanatorial, ele passou para propriedade por doação, esse sim das irmãs de Maria Imaculada. Quer dizer hoje o sanatório Antoninho da rocha marmo, hoje é hospital Antoninho da rocha marmo.

Entrevistador: Ele é bem perto da casa delas ali, né?

Dr. Coimbra: é Fica ali perto... Até porque eles...

Dr. Coimbra: Bom é, você tocou num assunto, eu vim pra sjc porque quando eu me formei eu fiz concurso pra aeronáutica, mas eu tive uma oportunidade de escolher onde eu iria trabalhar, e escolhi Mato grosso, porque minha mãe tinha ficado viúva, tinha irmãos pequenos e eu fui pra base aérea de campo grande, só que quando eu fui promovido a capitão, não tinha vaga pra capitão médico, porque a única vaga que tinha já estava ocupada e eu teria que ser classificado em outra unidade, e eu terminei ,em função disso, escolhendo são José dos campos, onde me radiquei e fui ficando e aqui ainda estou.

Entrevistador: Ainda mais o senhor como médico, eu creio que a tuberculose ainda rodava as academias, a questão da cura, e como que era pro senhor vir pra uma cidade que tinha este estigma de receber tuberculosos.

Dr. Coimbra: Pois é, acontece que na época eu tinha 4 filhos e a coisa mais importante pra mim , na época, era ter uma unidade da aeronáutica que tivesse , que fornecesse habitação e além de fornecer habitação o cta fornecia um espaço muito bom pra criar filhos. Dentre as outras alternativas que eu tinha, que era : voltar pro rio de janeiro, ou ir pra Curitiba, ou ir pra aeronáutica em são Paulo , eu fiz a opção de sjc, basicamente, esquecendo esse, vamos dizer, lado mais complicado até porque essa fase sanatorial já estava agonizante, sjc já tava vivendo a fase de industrialização, com a inauguração da segunda pista da dutra e essa coisa toda, já ficou uma cidade mais pra industrial do que pra sanatorial e isso aconteceu nessa evolução e nessa transição eu estava chegando.

Entrevistador: Mas o senhor ouvia alguma coisa? Até mesmo, no auge de 1930 o senhor chegava ouvir alguma coisa da referencia de uma cidade sanatorial?

Dr. Coimbra: Sim, pelo seguinte: Eu tinha um colega Dr. Faustino Nelson D'Avila, filho do Dr. Nelson D'Avila, que é o patrono da avenida da entrada da cidade. Que ele, também, ele tinha formado uns 3 ou 4 anos antes de mim. Mas o Faustino fazia mais cirurgias torácicas, ele ainda fazia as poucas cirurgias, praticamente era o único médico de sjc, que fazia ainda cirurgia torácica por tuberculose. E numa conversa um dia lá, ele falou: Coimbra - eu cirurgião geral e ele cirurgião de tórax-Um dia ele chegou pra mim, e falou assim: "Coimbra, vamos fazer uma parceria, aí?" Eu falei: vamo lá! - "Eu vou ajudar suas cirurgias geral, eu preciso aprender a fazer cirurgia geral, porque, a cirurgia torácica tá com os dias contados e enquanto isso você me ajudaria nas cirurgias torácicas", né?. Por que também é bom, era um ambiente que estava começando naquela época as cirurgias de coração e aquelas coisas. E eu terminei conversando muito com Faustino, porque nós operávamos, principalmente, lá no sanatório de Maria Imaculada. O sanatório reservou ainda um centro cirúrgico que era exatamente para atender aquelas poucas, mas ainda, cirurgia torácica por complicações da tuberculose necessárias e eu teve essa alegria de poder conviver com Faustino alguns anos, trabalhando, ajudando a ele, quando ele era o cirurgião torácico e ele me ajudava nas cirurgias gerais.

Entrevistador: Então querendo ou não você chegou a pegar um pouquinho dessa...?

Dr. Coimbra: aquelas abiografias, tinha o centro de saúde que tinha o aparelhinho de abiografia que todo mundo pra tirar a carteira de trabalho tinha que levar a abiografia, não é isso? Então, essa dai era... E como eu trabalhei também em algumas fabricas e indústrias, né? Trabalhei um pouco na fiel, na Johnson, trabalhei substituindo Florence nas alpargatas, e na Ericsson e na rodosa. Então eu era o médico, vamos dizer, um dos mais novos da cidade então eu tinha que trabalhar mais, né?

Entrevistador: E dentro dessas fabricas o senhor sentia algum resquício desta doença?

Dr. Coimbra: Não, existia do medo, né? Porque, você veja bem, nós tínhamos aqui, bom, muita gente que veio para se tratar terminou se radicando em sj, então tinha pessoas muito importantes da cidade que eram ex-doentes, ex-pacientes, um deles, por exemplo, o professor Altino Bondesan, não sei se já ouviram falar, o professor Altino além de ter se formado aqui também advogado ele era escritor, ele era correspondente do estadão aqui na cidade, então ele estava sempre lembrando, até porque a tuberculose diminuiu de intensidade mas ela não deixou de.. no brasil hoje ainda tem muito doente novo todo ano que tem tuberculose, claro que, hoje se o doente for disciplinado, ele conta com uma estrutura de tratamento, inclusive com medicamentos fornecidos pelo sus, o que na época não existia. Tem todas as possibilidades de cura hoje, a não ser que ele seja muito indisciplinado.

Entrevistador: A gente tem entrevistado algumas pessoas e elas falam muito sobre Campos do Jordão e o altar da solidariedade humana. Que havia uma solidariedade pra que as pessoas pudessem se curar, um ajudava os outros. Aqui em sj as pessoas não falam muito, de uma forma geral, nessa solidariedade, mas, por exemplo, entrevistamos semana passada a irmã Vera Lucia, que era a chefe do Maria Imaculada e ela fala muito que existia essa solidariedade, mas, só entre os tuberculosos. Porque era de fato uma doença muito triste, que deveria haver

uma alegria ou pelo menos as pessoas tentavam trazer essa alegria para que pudesse haver a cura. E também havia o estigma de ser tuberculoso, como era esse estigma?

Dr. Coimbra: Veja bem, no meu ponto de vista a tuberculose teve dois estágios: um muito pequeno, que era aquela fase romântica da tuberculose, do poeta que era tuberculoso, que via na doença a inspiração, quantos... Alguns poetas, né? Todo mundo imaginava que o poeta ia viver pouco porque era boêmio, porque ia ficar tuberculoso e tal. E depois veio a fase da epidemia, quer dizer, de um numero enorme de pacientes que, por ser uma doença contagiosa, terminaram...

Então, o estigma existia isso não tenho duvida. Principalmente por quem não morava na aqui cidade... Nego passava aqui, ele não tomava agua num bar ou refresco ou um café por que tinha medo de usar uma xicara que foi usada por um tuberculoso, o cara passava de trem e punha o lenço aqui, a mascara, porque ele achava que podia ta no ar ali o bacilo da tuberculose e ele tava passando por uma cidade com alto índice de infestação.

Mas o que acontece é que, lógico, a presença junto com o sofredor termina tocando o coração de muita gente, isso é normal. Hoje você vê, por exemplo, campanhas de solidariedade em relação ao câncer da mama, em relação ao câncer de criança, é verdade que não são doenças contagiosas. Mas aquele espirito de solidariedade acho que existe na maioria dos humanos, e sj acho que fez a sua parte sim. Até porque o numero de médicos da cidade na época, que tinha origem na tuberculose, era muito grande .Médicos que depois foram prefeitos, doutor Jorge zarur por exemplo, tinha sido tuberculoso, doutor dorya, dr soarez tinha sido tuberculoso e foi presidente da câmara e foi vereador. Então existia essa ramificação, essa capilaridade entre o doente e o não doente.

Entrevistador: Mas e o estigma que o próprio doente carregava por ser tuberculoso?

Dr. Coimbra: O que acontecia era o seguinte, naquela época uma das , um dos tratamentos mais comuns era colapsar o pulmão, ou pelo pneumotórax ,e o cara ficava meio tortinho. Isso dava, pra ele, um mal estar, né? Porque qualquer lugar que ele passasse o cara sabia, bom aquele cara foi tuberculoso. E a outra cirurgia também era tirar as costelas pra colaba o pulmão, de qualquer forma, seja com injeção do ar no pneumotórax, ou seja, com a cirurgia de jacobeus, parece que chamava, de tirar algumas costelas pra colabar o pulmão, terminava deixando o cara meio tortinho, e isso era um carimbo que o cara carregava onde ele fosse...

Robson: Até depois da doença, né?

Dr. Coimbra: Sim, depois da cura. Então fica sempre um mal estar. Hoje o caboclo por ter um vitiligozinho ele já fica se sentindo estigmatizando, você imagina quem era tortinho.

Entrevistador: E como que foi pro senhor, que chegou de fora, vir pra uma cidade que foi estancia climática e passar para as transformações urbanas, né? De estância, da fase senatorial pra fase industrial que foi o boom, que trouxe varias indústrias pra cá, como foi pro senhor vivenciar essas transformações urbanas aqui na cidade?

Dr. Coimbra: É... Eu acho que pra nós que viemos de fora e, e a maioria dos que participaram desse boom, vieram de fora. Por exemplo, quando a GM abriu aqui a sua fabrica ela teve que

buscar gente fora, na cidade não tinha mão de obra, e isso aconteceu nas outras indústrias, cada indústria que abria em sj na época, nós não tínhamos ainda faculdades, a etep apareceu junto com essa fase da industrialização, o SENAI apareceu depois dessa fase de industrialização. Então, a mão de obra especializada dessas indústrias teve que vir de fora. Isso fez parte, né? Houve essa miscigenação aí que foi dando certo. Eu achei, e por coincidência, eu vim de uma cidade, campo grande, que teve um desenvolvimento paralelo com sj. São José desenvolvendo muito e campo grande desenvolvendo muito. Até porque houve a separação do mato grosso com mato grosso do sul e campo grande virou capital. E capital tem aquela estrutura toda necessária de poderes e legislativo, judiciário e executivo tal, e também cresceu hoje e eu acho que campo grande TEM UM pouco mais de habitantes que sj, mas na época elas se equivaliam. Então pra mim foi muito bom, eu acho que, a própria rede de assistência médica teve que se desenvolver, e eu tive a alegria de ser fundador do primeiro pronto socorro de sj e do segundo. O Pronval, se não vê falar de Pronval? Então, antes do provai nós fundamos um pronto socorro chamado pronto socorro são Paulo, que era quase ali quase na esquina da rua Sebastião Humel com a rua Vilaça, pronto socorro são Paulo, pequenininho.

Mas depois ele ficou tão pequeno que nós, eu e mais dois médicos que era uma sociedade, resolvemos fazer um maior e fizemos o Pronval. Eu tive também a oportunidade de assumir a presidência do hospital central que tava parado a mais de 15 anos e conseguimos, com uma parceria com a Sansil, terminar a construção do hospital central que hoje é hospital da Unimed, hospital santos Dummont, na Tivoli. Então eu, dentro das minhas limitações, eu participei bastante do desenvolvimento da cidade. Tive também a oportunidade de ser fundador da primeira sociedade amigos de bairro de São José, na vila industrial, que foi importantíssima pra puxar um pouco do progresso para aquela região, aquilo ali era um descampado, fui também fundador da UNIMED de sjc, e terminei sendo eleito vereador também, fui vereador com dois mandatos de vereança na cidade, de 64 à 72. Então eu me entrosei muito rapidamente na cidade.

Entrevistador: mas eu acho que é uma característica muito importante, porque, em Campos do Jordão a gente tem entrevistado algumas pessoas e acabamos percebendo que foram pessoas muito influentes na cidade também. Que vieram de fora, muitos para se curar da tuberculose, e que acabaram participando ativamente da vida da cidade como vereadores, juizes, professores, assumindo realmente a identidade do espaço, né?

Dr. Coimbra: Sim, é porque veja bem, a cura era demorada, não era um negocio que você chega trata durante um mês, fico bom, volta pra sua cidade. Se fica aí um ano dois anos três anos, enquanto isso você começa a namorar alguém, e daqui um pouco você já faz parte da sociedade, já começa a fazer algum investimento, trazer investimento de lá pra cá, vê que a cidade tá crescendo...E quando houve, começou a fase industrial da cidade, aí todo mundo viu que valia a pena investir em São José.

Entrevistador: o senhor chegou a ver alguma ruptura, seja ela no espaço urbano, ou seja ela na questão mentalidade das pessoas. Por exemplo, o senhor chega no final da fase sanatorial, que já tava na fase industrial, o senhor chegou a perceber essa ruptura? Por exemplo, agora eu não falo mais da fase sanatorial, então a gente esquece esse passado...

Dr. Coimbra: Esqueceu fácil, esqueceu fácil. Agora nós não podemos deixar também de falar de um fato, que teve uma influência muito grande pro desenvolvimento de sj. Que foi a implantação do CTA em sj, com a criação do ITA, e daquela coisa toda. Dos institutos de pesquisa e desenvolvimento, depois o Quinaí que virou INPE, que é um negócio nacional... Então foi uma convergência de fatores, claro, nós temos uma situação privilegiada do ponto de vista geográfico, entre sp e rio, entre a serra e o litoral e a praia, pertinho de sp. Essas coisas todas terminaram influenciando, você chegava aqui e fala assim: "puxa vida, eu vou voltar lá pro interior de minas? A não vou ficar por aqui um pouco" Quando aposenta volta pra minas, né?

Mas a implantação do CTA teve uma importância muito grande no desenvolvimento da cidade. E eu participei a uma outra, que foi a criação da ETEP, não sei se vocês sabem, mas a etep foi criada graças a um trabalho feito pelo Rotary clube, e o pessoal do Rotary conseguiu que o empresário, Sinésio Martins, que foi quem loteou o esplanada, doasse aquela área enorme, para implantar uma escola técnica que também veio somar muito nessa fase de industrialização, e eu participei como rotariano e também como medico da etep no inicio, precisava de um médico e eu fui pra lá ajudar, porque precisava ter medico naquela época era obrigado e tal. Então eu participei de muitas coisas aqui nessa cidade que depois a gente vai esquecendo até, a idade vai chegando...

Robson: E o senhor falou bastante da questão de zoneamento, né? A cidade se preparou muito pra receber esses doentes, assim como se preparou bastante para receber as indústrias... O senhor pensa essa visão delimitada? A partir desse ponto a cidade começou a se preparar para receber essa era industrial.

Dr. Coimbra: Veja bem, a vinda das indústrias, naturalmente, atraiu os comércios maiores. Antigamente era um açouguinto, uma farmacinha, uma venda, uma merceariazinha... E ai começaram a vir as, se você ver a rua 15 hoje é uma rua que tem quantas agencias bancarias? Aquilo ali, quando eu cheguei aqui, era tudo casa. Uma era casa do Florência, outra era casa do Toledo, outra era casa do faria, outra era casa do outro, do outro, do outro e hoje é tudo comércio. Por quê? Esse comércio de médio e grande porte ele acompanha o desenvolvimento da cidade, lógico né? Os shoppings começaram a se interessar por sj. É uma coisa puxa a outra. Isso é natural. A economia é que vai movimentando as rodas do desenvolvimento, mais é isso.

Entrevistador: O senhor falou das pensões, não é? Da questão das pensões aqui em São José. Como que o senhor vê a questão da higiene? Por que muitas das pessoas que a gente entrevistou falam que essas pensões não eram nada higiênicas e, que a propagação da doença, poderia ser muito maior dentro das pensões. Como que era a estrutura? São José se preparou pra receber os tuberculosos, como estancia climática, mas como era a questão dessas pensões que pegavam as pessoas pobres com a questão da higiene?

Dr. Coimbra: Então, no começo foi tudo ao deus dará. Mas chegou um momento, né? Porque ai tem a voz do povo, todo mundo reclamando daqui reclama dali. Ai, a cidade passou a ser estancia sanatorial e climática, e nessa estancia sanatorial, o prefeito era nomeado e ele respondia ao, vamos dizer, ao equivalente a secretaria de saúde do estado. Ele tinha que tomar as providencias necessárias porque a cidade era uma estancia sanatorial e climática.

Dai, foi quando eu disse, quando a Dulce, né? Que depois virou irmã Dulce depois Madre



Maria Teresa de num sei o que lá. Quando ela criou a pensão dela já foi na fase em que precisava tirar uma licença. Como hoje, pra você botar qualquer coisa um consultório que seja, você precisa ter uma licença da ANVISA, não existia ANVISA naquele tempo, mas existia um órgão no estado que era o responsável por fixar as diretrizes necessárias para que a coisa não assumisse uma situação de falta total de higiene. Os sanatórios quando foram construídos, nos já tínhamos naquelas épocas arquitetos especialistas em construção de hospitais, e eles davam uma importância muito grande para os espaços, para a área onde o paciente ia tomar sol, tinha aqueles cadeiras grandes que eram quase um leito, e ele ficava ali tomando sol, bastante ar e se possível bastante arvores. Então, o sanatório vicentino aranha tinha 500.000 metros, ele vinha de lá de onde ele tá hoje até o ribeirão do Vidoca. Depois a santa casa teve algumas dificuldades financeiras e foi fazendo alguns pequenos loteamentos e vendendo, até pra manter o sanatório e também pra manter lá a santa casa que vive sempre em dificuldade.

Entrevistador: Me conta um pouquinho desse tempo que o senhor foi vereador da cidade. Foi de 60 e...?

Dr. Coimbra: Foi de 64 a 72.

Entrevistador: E como foi? O senhor pegou a cidade em plena ditadura, né? E como foi essa experiência?

Dr. Coimbra: Pois é, foi difícil viu. Foi difícil porque eu fui eleito pelo PTB, e o PTB era o partido do Jango que foi deposto pela ditadura, então...

Entrevistador: Criado por Getúlio também, né?

Dr. Coimbra: sim, pois é, mas quando nós estávamos vereadores era o PTB. E o PTB era considerado o partido que agasalhava os comunistas e a revolução, a ditadura, o slogan era pra não deixar o comunismo tomar conta do Brasil, né? Agora é pra não deixar a corrupção acabar com o Brasil mas, naquela ocasião, era pra não deixar o comunismo tomar conta do Brasil. Então foi difícil.

Entrevistador: E quem era o prefeito?

Dr. Coimbra: José Marcondes pereira.

Entrevistador: era um prefeito militar já?

Dr. Coimbra: Não, não. Tinha sido eleito, foi caçado, mas tinha sido eleito.

Entrevistador: Que bacana, deve ter bastante história.

Dr. Coimbra: É São José sofreu muito na ditadura e por uma circunstancia que a maioria não sabe. Foi criada uma comissão geral de investigações, provavelmente vocês nunca ouviram falar nela, e o presidente da CGI era o brigadeiro Paulo Vitor que era aqui de São José. Então São José foi uma das cidades onde houve mais cassações, foi caçado o vice-prefeito, foram caçados 4 vereadores, lá pra frente foi caçado o Marcondes que tinha terminado a prefeitura e tinha sido eleito deputado estadual e foi caçado. Então teve muito vereador que foi preso,

investigado e tal. Eu felizmente não tive nada embora tenha sido muito crítico da revolução. Achei que não havia aquela necessidade. Sempre tem quem é a favor e contra, né? Mas eu tinha vindo do CTA, eu tinha uma vida que, eles sabiam a minha vida qual era, então, tinha pouca coisa pra inventar de mim e não inventaram quase nada.

Entrevistador: E o senhor lembra de algum fato interessante desde quando o senhor chegou em São José, com essa transição e também como o senhor como vereador?

Dr. Coimbra: Por exemplo, quando o prefeito de São José, e aí passou a ser estância de segurança nacional, né? Quando o Sobral foi nomeado prefeito eu era presidente da câmara, e o Veloso tava... faltava um ano ainda pro mandato dele mas caçaram o restinho do mandato dele e nomearam o Sobral, e o Sobral veio pra São José. E o Sobral tinha sido meu contemporâneo no CTA, por coincidência, nós chegamos no CTA no mesmo ano e no mesmo mês e morávamos perto. E eu era o médico da família, né? O Sobral foi nomeado e veio aqui pra São José, antes disso, quando foi criado o INPE o Sobral era lá da diretoria do INPE e me convidou pra ser médico do INPE. E eu fui o primeiro médico do, naquele tempo era SENA, comissão nacional de assuntos espaciais ou coisa parecida. Depois o Sobral foi ser diretor da TV CULTURA, não sei se você lembra ou se você sabe disso, ele saiu daqui pra ser diretor da TV CULTURA e da TV CULTURA ele veio pra ser prefeito, foi nomeado aqui. E eu era presidente da câmara e era amigo antigo dele de tempo do CTA então, havia aquela fofoca de bastidor que sempre existe em política. E o Sobral chegou aqui e foi lá pra casa: - Me nomearam prefeito de São José, e eu preciso avisar o prefeito que ele não é mais prefeito. Como é que eu faço?. Aí eu falei: Vamo lá ué. Eu era presidente da câmara, telefonei pro Veloso e falei: Veloso, tem um amigo que precisa conversar com você se possível agora, nos próximos minutos ou horas, você está disponível?. E aí vou eu com o Sobral lá, Sobral dá a notícia pra ele, que ele tinha que providenciar transmissão de cargo, que ele tinha sido nomeado prefeito e como consequência o mandato do Veloso foi amputado. Faltava acho que 11 meses pro final do mandato dele. Então eu tive que ajudar nesse parto aí. Foi desagradável.

Entrevistador: Que coisa não? Que não deve ter sido tranquilo também, né?

Dr. Coimbra: É, mas aí naquela época, né? O pessoal sabia que não tinha habeas corpus, não tinha corpus christi, não tinha nada disso...

Entrevistador: e o senhor como médico também, o senhor deve ter atendido muita gente, né?

Dr. Coimbra: Eu trabalhava muito, só pra você ter uma ideia e isso é até interessante a gente falar, eu era capitão médico na época que eu me elegi vereador. Vereador não tinha subsídio e a constituição da época dizia o seguinte, que o militar que fosse eleito ficava agregado sem vencimento. Então, eu fui eleito vereador e não ganhava nada como vereador, e deixei de ganhar meu salário como capitão, e tive que mudar da minha casa do CTA. Po mais se é louco rapaz, como é que se vai fazer um negócio desse, se larga um salário de capitão e larga uma casa boa que você morava. Eu falei olha: Eu tô sentindo que tem há uma possibilidade de eu ser transferido do CTA, eu já plantei aqui a possibilidade de uma clínica que tende a crescer. Então eu vou me dedicar ao consultório e a câmara, não vou ganhar nada na câmara? Não!

Mas eu acho que no consultório eu tendo tempo pra me dedicar, porque eu só ia pro consultório quatro e meio, cinco horas da tarde, tinha que atender o expediente lá do CTA, né?

E aconteceu isso, quer dizer, eu antecipei meu horário de ir pro consultório quer era a 5 horas passei ir as 2 horas, encheu o consultório, antecipei mais e passei a ir as 10 horas da manha, minha mulher levava marmita pra eu almoçar lá mesmo e não ter que sair. Então deu pra compensar e deu pra sobreviver. E tocamos a vida, e ficamos em São José porque ai já não dava mais. Eu plantei um clinica, quando ela tava crescendo lá em campo grande fui transferido. Plantei aqui a hora que ela tava começando a dar fruto, porque ela não da no primeiro ano não da no segundo, ai eu terminei ficando.

Entrevistador: E sua família é toda do mato grosso, e houve algum comentário quando souberam que o senhor viria pra São José, por causa da doença?

Dr. Coimbra: Não, não. Eles sempre acreditaram que eu era saudável e não tinha perigo de ficar doente.

Entrevistador: Acho que foi muito valida a entrevista do senhor, inclusive o senhor fez um histórico muito bom. E esses livros que o senhor trouxe ai?

Dr. Coimbra: Esse aqui é a Arquitetura sanatorial, né? Um livro que foi escrito e que fala muito dos sanatórios aqui da cidade, e esse aqui eu não sei...

Entrevistador: São José dos micuins, é muito famoso.

Dr. Coimbra: É, vale a pena ler esse livro também.